

# **SINAIS DE CINDERELA E RAPUNZEL: NARRATIVAS EM LÍNGUA DE SINAIS**

FABIANO ROSA<sup>1</sup>, GISELE KUNZENDORF<sup>2</sup>, LODENIR KARNOPP<sup>3</sup>,  
CAROLINA HESSEL SILVEIRA<sup>4</sup>

## RESUMO

*Contar histórias é um hábito tão antigo quanto a civilização. Contar histórias é um ato que pertence a todas as comunidades, comunidades indígenas, comunidades de surdos, entre outras. Contar histórias, piadas, episódios em língua de sinais pelos próprios surdos é um hábito que acompanha a história dessa comunidade. Cabe, então, aos escritores coletar as narrativas que surgem nessas comunidades, para que não desapareçam com o tempo. Surdos reúnem-se frequentemente para contar histórias e, entre as preferidas, estão as histórias de vida, as piadas e aquelas que incluem elementos da cultura surda, com personagens surdos, com tramas que, em geral, envolvem as diferenças entre o mundo surdo e o ouvinte. Registrar tais histórias é o objetivo da presente pesquisa.*

**Palavras-chave:** surdos, língua de sinais, LIBRAS, literatura infantil, escrita.

## ABSTRACT

*This article aims to present some topics about the classic story, Cinderella and Rapunzel, and then to show a version of these stories – Deaf Cinderella and Deaf Rapunzel - in a different linguistic and cultural*

---

<sup>1</sup> Acadêmico do Curso de Pedagogia – Bolsista PROICT/ULBRA

<sup>2</sup> Acadêmica do Curso de Educação Física – Bolsista PROICT/  
ULBRA

<sup>3</sup> Professora – Orientadora do Curso de Pedagogia/ULBRA  
(karnopp@cpovo.net)

<sup>4</sup> Pesquisadora voluntária

*context. These stories show to readers how the traditional tale story is retold by deaf people who use signed languages. The construction of these stories were produced in a visual experience and there are details in the text that make them verisimilar to deaf world and, at the same time, they have fascination and enchantment.*

**Key words:** *deaf, signed languages, LIBRAS, deaf culture, writing.*

## DESENHO DA PESQUISA

Pesquisas que objetivam registrar, escrever, filmar e divulgar a produção literária de surdos encontram, talvez, os seguintes dilemas: o desconhecimento da língua de sinais e das situações cotidianas dos narradores, do significado de suas lutas, dos costumes, da experiência visual e lingüística encontradas em situações bilíngües. Por mais expressivas que sejam as histórias contadas em sinais, elas chegam até os ouvintes empobrecidas pela tradução, fragmentadas, em pequenas partes de uma visão do mundo tão distinta do mundo ouvinte.

Deveria ser possível encontrar formas de escrever e apresentar as histórias surdas que transmitissem o deslumbramento que é vê-los narrando suas histórias de vida, piadas, mitos..., sem perder o movimento que as mãos produzem, as expressões corporais e faciais que vão construindo e desvendando o enredo imaginado ou reconstruído.

Quando as histórias surdas começam a ser construídas em língua de sinais e o todo aparece, quando um trecho contado ou uma versão do cotidiano de pessoas surdas torna-se mais ou menos claro ao público, é como se fosse assistir histórias clássicas em uma língua estrangeira, em que mesmo sem entender muito bem tal língua, tem-se a evidência da complexidade do imaginário de uma comunidade que comparti-

lha uma experiência visual e uma língua sinalizada; que usa registros sinalizados ao alcance da descoberta e compreensão por alguns poucos privilegiados presentes, aprendizes, leitores.

Se fosse possível mergulhar no mundo surdo – em suas diferenças lingüísticas e culturais – e trazer à tona vários conjuntos culturais, talvez esse grupo fosse entendido de forma mais adequada em suas lutas e reivindicações sociais, educacionais. Infelizmente, mesmo as histórias clássicas mais bem urdidas costumam ser pouco lidas: as traduções incompletas quanto à língua e ao universo afastam os leitores, pois intimida-os a diferença, a imersão em uma vida diferente, distante das personagens enquadradas na norma e padrão ouvintes.

É fato que, em geral, os livros literários têm diferenças entre si, segundo a criatividade dos compiladores, sua compreensão do grupo estudado, dos costumes, da língua. É raro, por inúmeros motivos, que a obra escrita e traduzida esteja à altura da complexidade do que é narrado originalmente em sinais.

Diante disso, encontramos uma gama de trabalhos literários sobre surdos no Brasil. Se concentrarmos nossa análise na produção de livros de literatura infantil que tematizam essa questão, verificamos que os autores são ouvintes e retratam o surdo como 'deficiente auditivo', perfeitamente integrado à comunidade ouvinte, sendo usuário de uma

língua oral. No texto "Contando histórias sobre surdo(as) e surdez", Silveira (2000) analisa sete livros destinados às crianças em que a temática da surdez e dos surdos se faz presente. Os livros analisados foram: "Audição" (Suhr & Gordon, 1998); "Os cinco sentidos" (Bosmans, 1997); "A gente e as outras gentes" (Lima, 1995); "Nem sempre posso ouvir vocês" (Zelonky, 1988); "A letreria do dr. Alfa Beto" (Carr, 1988); "Dor de dente real" (Trabbold, 1993); "O livro das palavras" (Azevedo, 1993). A visão dos surdos e da surdez em tais obras se compõe a partir da representação 'medicalizada', vista como deficiência, mas 'compensável' pelo uso do aparelho auditivo e pela leitura labial, conjugando-se tais aspectos a uma visão compensatória da deficiência. (Silveira, 2000).

"Não se pode deixar de registrar, entretanto, que todos os livros analisados foram escritos por ouvintes, que narram a surdez a partir de seus filtros sociais, de suas experiências de certa forma alheias ao cerne da vivência culturalmente imersa na surdez." (Silveira, 2000, p. 202)

Em contraponto a uma visão medicalizada e culturalmente descontextualizada, a presente pesquisa "Contar histórias em língua de sinais: análise de aspectos lingüísticos e culturais", integrada por pesquisadores surdos e ouvintes, tem o objetivo imediato de registrar e catalogar em material impresso algumas das histórias narradas por pessoas surdas. O projeto de pesquisa visa a documentação de histórias que são contadas e recontadas em comunidades de surdos.

Uma escrita literária, "fiel" ao texto original (língua-fonte), parece um primeiro passo para uma apreciação que corresponda à criação de histórias por surdos. Mas a escrita, como a tradução, já é uma injustiça às narrações, pois essas

perdem as características, o sabor específico da língua de sinais, da interação com os pares surdos, da situação de espaço visualmente rico, do teatro, da dramatização. A narração das histórias em sinais supõe um universo culturalmente compartilhado com o cotidiano de pessoas surdas. Uma escrita à altura dos narradores deve recriar esse clima; é uma escrita a ser feita, por exemplo, pelos próprios surdos, em ensaios para escrever ficção, em português e na própria língua de sinais, quando se sentem desafiados a pesquisar ou expressar sua cultura.

O que existe, no momento, como resultado da trajetória de pesquisa aqui relatada, é uma passagem dos sinais para a língua portuguesa e para a escrita dos sinais (Sign writing), a exemplo do que foi feito nos livros *Cinderela Surda* (2003) e *Rapunzel Surda* (2003). Deve-se enfatizar que o domínio dos sinais é ainda muito maior e mais difundido do que a escrita tanto da língua portuguesa quanto da escrita dos sinais (Signwriting); pois os surdos valorizam as narrativas, persuasão, a arte de convencer pelos sinais e de usá-los tendo o contato visual entre os interlocutores.

Claro que a arte de narrar vai se transformar, ao passar para a escrita ou para outra forma de registro; mesmo os futuros escritores surdos, usuários da língua de sinais, vão ter problemas parecidos ao registrar as narrações. Não basta, por exemplo, filmar as histórias narradas em sinais, transcrevê-las na escrita dos sinais (sign writing); e depois traduzi-las detalhadamente para a língua portuguesa. Sempre vai se tratar de uma outra forma de narrar, com recriação inevitável pela pessoa que registra. Uma recriação escrita que exigirá uma nova tradução literária na escrita dos sinais, e o domínio das traduções literárias em português pelos autores.

Cícero, um dos primeiros teóricos da tradução e interpretação, proferiu no século I a.C. um dito clássico que nos acompanha desde então: *Not ut interpres sed ut orator*, que adaptamos para o seguinte dito: “Não como o que interpreta, mas como o que sinaliza”, ou, de forma alternativa, em nossos registros e traduções afirmamos: “Tão fiel quanto possível, tão livre quanto necessário”.

Algumas tentativas interessantes têm surgido recentemente, aproximando a tradição em sinais com as formas escritas. Um exemplo disso é o livro de literatura infantil “Tibi e Joca – uma história de dois mundos” (2001), que narra a história de um menino surdo em uma família com pais ouvintes que começam a usar a língua de sinais. O texto explora o visual (o desenho) e, além da história sucintamente registrada na língua portuguesa, há um boneco-tradutor que sinaliza a palavra-chave que vai dando seqüência à história.

De todo modo, a escrita hoje faz parte do mundo surdo, indispensável aos surdos para a defesa dos seus interesses e cidadania. Há quem pense que a escrita pode contribuir para a destruição da riqueza em sinais; mas a escrita, por si só, não é necessariamente um fator contrário à manutenção e ao desenvolvimento da língua de sinais. Pode-se pensar na escrita como a busca por raízes culturais, associada a formas de arte, como teatro e vídeo.

A pesquisa sobre as histórias narradas por surdos pretende servir de apoio à comunidade surda, pois pode proporcionar principalmente às escolas um material baseado na cultura das pessoas surdas, escrito em português e em signwriting (escrita da língua de sinais). Com o tempo, ampliando-se a pesquisa, objetiva-se usar filmagens em vídeo de narrações em sinais (LIBRAS).

O trabalho de registro de histórias contadas por surdos desenvolvidas na presente pesquisa apresenta toda a complexidade exposta anteriormente. É um primeiro passo, porém, para registrar a ficção e o imaginário da comunidade surda, e está sendo realizada com a intenção de envolver os próprios surdos na pesquisa e na escrita.

O trabalho de registro e escrita tanto na língua portuguesa quanto na escrita dos sinais (SW) está ligado, assim, ao de educação, que é muito mais amplo – pois este envolve o preparo para a vida na sociedade brasileira, além da reafirmação da cultura surda. A escrita, desse modo, aparece como afirmação cultural e da diferença, e como instrumento de defesa de interesses e participação na cidadania brasileira. Foi assim que a presente pesquisa, ao considerar questões lingüísticas e culturais, procurou organizar um programa de educação diferenciada, que possa aos poucos ser utilizado como material ligado à cultura surda e aos problemas vivenciados pelos surdos, enfocados por áreas como a da pedagogia da diferença, dos direitos lingüísticos e da acessibilidade.

No desenvolvimento da pesquisa, as narrações e as histórias são escritas tanto na língua de sinais (sign writing) como na língua portuguesa pelo grupo de pesquisadores surdos e ouvintes (intérpretes da língua de sinais), mas o objetivo mais amplo e futuro é que os surdos pesquisadores comecem a gravar nas associações de surdos, a transcrever e a compor textos produzidos na comunidade surda.

Além da escrita, outras formas de documentação, em vídeos e filmagens, seriam fascinantes como registro das formas lingüísticas que vão se perdendo ou se transformando. Para uma escola de surdos, para manter o leque de possibilidades artísticas e expressões da língua de sinais, os registros visuais

podem ser preciosíssimos na criação de bibliotecas visuais, contribuindo com uma escrita posterior, com adequação aos textos, com traduções apropriadas.

Na execução da pesquisa aqui relatada foram selecionados alguns textos que foram lidos, discutidos e adaptados por educadores surdos para que, em seguida, fossem narrados para crianças surdas. Nesse processo de recontar histórias, em visitas às escolas de surdos da região metropolitana de Porto Alegre, observamos que os educadores surdos transformaram um conto tradicionalmente voltado para ouvintes em uma história totalmente inserida em um contexto cultural do surdo. Cremos que tal adaptação dos textos seja fruto da necessidade que os contadores têm de considerar fatores como (Karnopp 2002) o contexto social em que o relato de histórias acontece; os processos e práticas na narração de histórias; o propósito (objetivo) do relato de histórias; a relação entre aquele que produz um texto e aquele que o interpreta e, finalmente, questões da identidade do contador de histórias.

A construção de histórias por surdos implica a interação, a construção de sentidos do texto, com base no diálogo com outros surdos e na tradução de uma língua e de uma cultura para outra. Pessoas não constroem significados em um vácuo; o uso da língua está inserido em contexto social, pois o texto é o resultado de processos e forças sociais que o produzem. A leitura do texto e a análise das condições de produção e recepção que o recriam, trazem à tona que essas condições são inseparáveis do local, condições sócio-históricas e institucionais em que os interlocutores estão situados. Surdos recontam histórias para outros surdos e reconstroem, através da língua e da cultura, os sentidos veiculados pelo texto que serviu como ponto de partida para a criação de "seu" texto.

## TRADUZINDO CINDERELA SURDA

O problema da autoria na escrita do texto passa a ser discutido na presente pesquisa. Não sabemos quem contou a história de Cinderela Surda pela primeira vez. Ela foi sendo recontada entre os surdos e nós resolvemos registrar e divulgar este belo texto. A autoria do texto, portanto, é dos surdos, mas é também do domínio público das comunidades. Por outro lado, há uma autoria na pesquisa das histórias, e na sua escrita em português. Os pesquisadores devem desenvolver um trabalho conjunto com os contadores de história ou educadores surdos, com o desejo comum de fazer o registro dos textos e transmiti-los às outras gerações e à sociedade brasileira.

O livro *Cinderela Surda* (2003) foi construído a partir de uma experiência visual, com imagens, com a escrita da língua de sinais (Sign Writing)<sup>5</sup> e com o texto em português, focalizando a cultura e identidade surda, por exemplo:

Quando era criança, Cinderela aprendeu a língua de sinais com seus amigos surdos nas ruas de sua cidade.

No palácio, o príncipe aprendeu a língua de sinais com o mestre Abbé de L'Épée, que foi contratado para educá-lo.

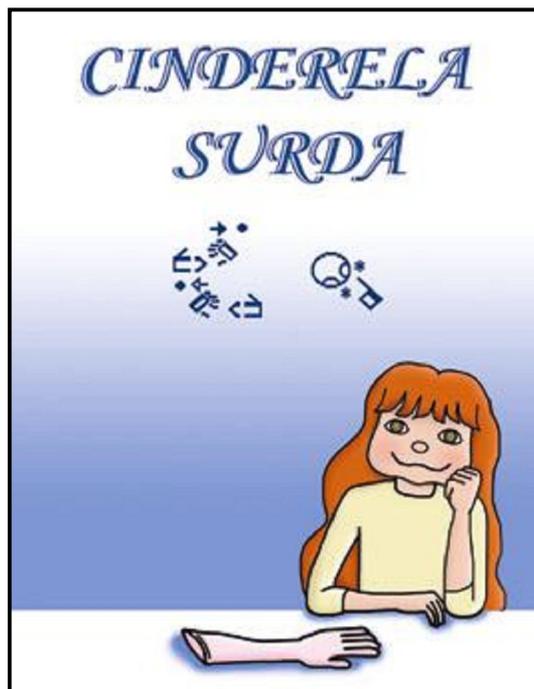
No conto, observamos inicialmente a contextualização do aprendizado da língua de sinais por Cinderela e pelo príncipe. Ambos são surdos e aprendem em diferentes locais a usar a língua de sinais. Com a madrasta e as irmãs a comunicação é difícil, mas a fada, obviamente, sabe língua de sinais.

---

<sup>5</sup> Maiores informações sobre a escrita da língua de sinais, consultar o site <http://www.signwriting.org/>

Presente no texto encontramos a negociação de que *Cinderela Surda* (2003) apresentaria a luva rosa em substituição ao sapatinho de cristal, pois as mãos que sinalizam estão em foco na linguagem visual. Outros elementos adaptados no reconto da

história substituíam, por exemplo, o sino pelo imenso relógio de parede, visualmente importante, além da inserção de personagens surdos ao enredo da história – Cinderela, o príncipe e a fada são personagens surdos e usuários da língua de sinais.



## TRADUZINDO RAPUNZEL SURDA

*Rapunzel Surda* (2003) foi o segundo livro de literatura infantil produzido pela equipe de pesquisadores da presente proposta. O texto faz uma releitura da clássica história de Rapunzel. O objetivo foi recontar a história a partir da cultura surda – a exemplo do que foi feito no livro anterior, *Cinderela Surda* (2003). Assim, o livro *Rapunzel Surda* foi reconstruído a partir de pes-

quisa que considera a experiência visual do surdo, incluindo desenhos que tentam reproduzir expressões faciais e corporais e, além disso, com o texto traduzido para o português e registrado na escrita da língua de sinais (Signwriting).

Sign Writing é o modo como se pode escrever qualquer língua de sinais. Serve tanto para escrever a língua de sinais brasileira (LIBRAS), como a americana (ASL) ou qualquer outra. É uma escrita que permite combinar símbolos gráficos para registrar por escrito a forma visual dos sinais.

Assim, utilizamos a escrita do sinais para que textos dos clássicos da literatura sejam também lidos pela comunidade de surdos, com o objetivo de divulgar e ampliar materiais produzidos nessa língua.

Rapunzel Surda mostra as formas de comunicação entre surdos e ouvintes e, também a variedade dialetal e lingüística presente na língua de sinais. Para isso, surge inicialmente o

contexto da infância de Rapunzel, que vivia na torre e só tinha contato com a bruxa, produzindo entre elas uma forma de comunicação através do uso de sinais caseiros. Quando Rapunzel torna-se jovem aparece o príncipe que, sendo usuário da língua de sinais em uma comunidade de surdos, apresenta uma forma diferente de se produzir sinais. Fica assim evidente a variedade lingüística e cultural na forma de produzir sinais entre os surdos.



## POR UMA CONCLUSÃO

Em *Cinderela Surda* (2003) e *Rapunzel Surda* (2003), as narrativas e as representações da cultura surda, caracterizada pela experiência visual, são corporificadas em livros para crianças de um modo singular, em que o enredo, a trama, a

linguagem utilizada, os elementos visuais, os desenhos e a escrita dos sinais (Sign Writing) evidenciam o caminho da auto-representação do grupo de surdos na luta pelo estabelecimento do que reconhecem como suas identidades, através da legitimidade de sua língua, de suas formas de narrar as histórias, de suas formas de

existência, de suas formas de ler, traduzir, conceber e julgar os produtos culturais que consomem e que produzem.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICA

AZEVEDO, R. **O livro das palavras**. Belo Horizonte: Formato Editorial, 1993.

BISOL, Cláudia. **Tibi e Joca – uma história de dois mundos**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2001.

BOSMANS, P. **Os cinco sentidos**: os sentidos explicados para crianças de 5 a 9 anos. Blumenau: EKO, 1997.

CARR, S. **A letreria do Dr Alfa Beto**. São Paulo: Ed. do Brasil, 1988.

GNERRE, Maurizio. **Linguagem, escrita e poder**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

HESSEL, Carolina; ROSA, Fabiano; KARNOPP, Lodenir. **Cinderela Surda**. Canoas: ULBRA, 2003.

KARNOPP, Lodenir B. *Língua de sinais e lín-*

*gua portuguesa: em busca de um diálogo*. In: LODI, A. et al. **Letramento e minorias**. Porto Alegre: Mediação, 2002. p. 56-61.

LIMA, E. **A gente e as outras gentes**. São Paulo: Scipione, 1995.

QUADROS, Ronice; KARNOPP, Lodenir. **Língua de Sinais Brasileira – Estudos lingüísticos**. Porto Alegre: ArtMed, 2004.

SILVEIRA, Carolina; ROSA, Fabiano; KARNOPP, Lodenir. **Rapunzel Surda**. Canoas: ULBRA, 2003.

SILVEIRA, Rosa H. *Contando histórias sobre surdos(as) e surdez*. In: COSTA, M. (Org.). **Estudos culturais em educação**. Porto Alegre: Ed. Universidade/ UFRGS, 2000.

SUHR, M; GORDON, M. **Audição**. São Paulo: Scipione, 1998.

TRABBOLD, P. **Dor de dente real**. São Paulo: Loyola, 1993.

WARNER, Marina. **Da fera à loira**. Sobre contos de fadas e seus narradores. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

ZELONKY, J. **Nem sempre posso ouvir vocês**. São Paulo: Ática, 1988.